

Seqüelas vivenciais na biografia: chances e riscos da pós-modernidade para a poimênica cristã *

Sidnei Vilmar Noé

Resumo

Em nosso contexto ocorre uma “queima de etapas” no desenvolvimento pessoal e social. Esse processo é ambivalente: por um lado, abre novos horizontes e perspectivas de mudança; por outro, traz sombras proporcionais à sua amplitude. A comunidade cristã, por um lado, acolhe essas transformações como no-

vas possibilidades de atualização da fé cristã e, por outro, acolhe as sombras deixadas por essas mudanças. A poimênica é o ato de acolhimento das pessoas expostas a essas mudanças ajudando-as a se ressituaem psicologicamente, em seu sentido cognitivo, emocional e comportamental.

Resumen

En nuestro contexto ocurre una “quema de etapas” en el desarrollo personal y social. Este proceso es ambivalente: por un lado, abre nuevos horizontes y perspectivas de cambio; por otro lado, trae sombras proporcionales a su amplitud. La comunidad cristiana, por un lado acoge estos cambios como nuevas

posibilidades de actualización de la fe cristiana y, por otro lado, acoge las sombras dejadas por estos cambios. La poiménica es el acto de aconsejamiento de las personas expuestas a estos cambios ayudandolas a re-situarse psicologicamente, en su sentido cognitivo, emocional y su comportamiento.

Abstract

In our context a “skipping of stages” in the personal and social development happens. This is an ambivalent process: On the one hand, it opens up new horizons and perspectives of change, and, on the other hand, it brings with it dark shadows proportional to its amplitude. On the one hand, the Christian community receives these changes as

new possibilities for living out the Christian faith in the world, and, on the other hand, it receives the shadows left by these changes. Pastoral counseling is the action of receiving the persons exposed to these changes by helping them to find themselves again psychologically in the cognitive, emotional and behavioral sense.

Introdução

Inicialmente quero agradecer pela oportunidade de manifestar algumas idéias que venho trabalhando nesta seleta escola de Teologia. Ainda há 10 anos atrás, ao participar de uma preleção inaugural, sequer passava pela minha cabeça a possibilidade de um dia estar “do lado de cá”. Sou grato a todos os que me confiaram esta oportunidade e responsabilidade.

Quanto ao título escolhido para esta preleção, talvez ele pareça um tanto enigmático. A intenção também era despertar em vocês uma ou outra fantasia.

A apresentação acontecerá sob a forma de três blocos de enunciados que procurarei desenvolver dentro do espaço que me é concedido.

Síntese

I – No contexto latino-americano ocorre uma “queima de etapas” no desenvolvimento cultural, social, econômico, político.

Esse processo é ambivalente: por um lado, abrem-se novos horizontes e perspectivas de mudança com uma rapidez e intensidade de ímpares.

E, por outro lado, esse processo arrasta consigo sombras proporcionais à iminência e amplitude dessas mudanças.

II – A comunidade cristã atua neste contexto ambivalente: por um lado ela acolhe essas mudanças como novas possibilidades de atualização da fé cristã no mundo e, por outro lado, acolhe de forma perplexa as sombras

deixadas por essas mudanças vultosas.

III – A poimênica é o ato de acolhimento por parte da comunidade cristã das pessoas expostas a essas mudanças.

Esse acolhimento significa, entre outras coisas, ajudar as pessoas que, no empuxo desta sociedade, são levadas a queimar etapas na sua biografia a se resituarem psicologicamente, em seu sentido cognitivo, emocional e comportamental diante dos desafios que lhes são impostos.

Essa ajuda atenta para a ambivalência: tanto as possibilidades quanto as sombras precisam ser contempladas.

Desenvolvimento do tema

Enunciado I:

No contexto latino-americano ocorre uma “queima de etapas” no desenvolvimento cultural, social, econômico, político.

Esse processo é ambivalente: por um lado, abrem-se novos horizontes e perspectivas de mudança com uma rapidez e intensidade ímpares.

E, por outro lado, esse processo arrasta consigo sombras proporcionais à iminência e amplitude dessas mudanças.

Nós constituímos uma sociedade que tem pressa! Percebe-se isso em diversas expressões que envolvem a vida cotidiana: tem-se pressa no trânsito, nas escolas, nas famílias. O entorno social em que vivemos parece acometido por uma histeria querendo agitar, apressar, mudar tudo o mais rápido possível. Com nossas atitudes sugerimos que o “último grito” da tecnologia, da ciência, da moda, das artes *já veio tarde*. Como um todo social, estamos sempre querendo *nos conectar* com as mais recentes propostas em todas as áreas do desenvolvimento humano. A nossa voracidade oral faz com que nunca estejamos saciados e nos tornamos dependentes daqueles que pesquisam e formulam essas novas propostas. Somos, por assim dizer, escravos dos nossos desejos.

Essa avidez torna a nossa sociedade muitas vezes uma espécie de laboratório ao ar livre, onde teorias de todos os tipos são experimentadas e testadas, sem que antes haja um mínimo de consciência sobre as implicações. Sob este item são muitos os exemplos, entre os quais somente destacamos a discussão emblemática acerca dos transgênicos. Prontamente a sociedade se torna refém de toda sorte de experiências na expectativa da recompensa efêmera de ser considerada “moderna”, “progressista”, “inserida no 1º Mundo”. E a mídia, o quarto poder, incentiva e explora essa vaidade, despertando-a e fomentando-a, e colocando as pessoas críticas na incômoda posição de serem arcaicas, amarguradas ou nostálgicas.

Esse processo faz com que sejam “queimadas etapas” no desenvolvimento social e cultural. Aos “saltos” chega-se ao novo, ao último suposto avanço. As etapas intermediárias são puladas e se substitui o novo pelo novíssimo. Por outro lado, a pulsação dessa sociedade em constante mudança é um fator que gera angústia. As pessoas expostas a essas mudanças são confrontadas com uma ambivalência que ameaça sua integridade psíquica: por um lado percebem, apreciam e aspiram por esses avanços, pois esperam melhorias nas suas condições de vida. E, por outro lado, sofrem as sombras, por terem que dei-

xa muitas coisas no caminho e por pairar sobre elas a ameaça de não serem incluídas nesse processo ou até mesmo de serem excluídas.

A queima de etapas acontece em diferentes níveis: a sociedade de caráter tribal (ou arcaica) foi suplantada pela sociedade tradicional dos colonizadores; desta saltamos para uma sociedade moderna, e, ao despertarmos, percebemos que já adentramos um novo período, o qual vem sendo descrito como pós-modernidade¹. Não há uma transição natural entre uma etapa e outra, mas somos, por assim dizer, invadidos ou assaltados pela rapidez com que as coisas mudam. Por exemplo, quando ainda estávamos acolhidos e protegidos em formas de organização social de caráter tradicional, como a grande família, fomos empurrados para a família nuclear, de caráter moderno, e quando estaríamos na condição de “desfrutar” este estado, somos confrontados com a fragmen-

tação das formas sociais, o que nos coloca na pós-modernidade.

Como a essas diferentes formas, graças a Deus, se contrapõem elementos de resistência, é característico que elas *coexistam*² em nossa realidade. E é típico também que uma mesma pessoa faça uma “viagem” estonteante através desses diferentes estágios durante sua própria biografia. A biografia se torna uma espécie de viagem de “montanha russa”.

Jürgen Habermas apresenta o conceito de *Lebenswelt*³ (mundo/espaco vivencial), que nos ajuda a interpretar este momento. Como *Lebenswelt* compreende-se a totalidade daquilo que é social, individual e culturalmente válido, aceito, subentendido e que rara ou dificilmente se questiona⁴. Constituem, p. ex., a *Lebenswelt* instituições como a família, o clã e até mesmo a nação, bem como todo o universo simbólico de valores, normas, ideais que as sustentam.

¹ O modelo que divide em três fases o desenvolvimento social, p. ex., é defendido por Thomas Luckmann. Basicamente são agrupadas três etapas: *sociedades arcaicas, tradicionais e modernas*. Cf. Karl-Fritz DAIBER, *Religion unter den Bedingungen der Moderne*, p. 11. Quanto ao conceito de *pós-modernidade*, há controvérsias quanto a se já pode ser considerado como uma quarta etapa ou se deve ser entendido como um período de *transição* para um futuro que ainda está sendo incubado. Preferimos relacioná-lo à segunda compreensão.

² Assim também argumenta Christoph Schneider-Harpprecht: “Esforçamo-nos para corresponder aos desafios que se colocam às igrejas numa sociedade em que coexistem elementos da vida pré-moderna, moderna e pós-moderna.” Christoph SCHNEIDER-HARPPRECHT, *Perspectivas da Teologia Prática no Brasil e na América Latina*, p. 321.

³ Cf. Jürgen HABERMAS, *Theorie des kommunikativen Handelns*, v. 1, p. 102 ss.

⁴ Cf. Karl-Fritz DAIBER, op. cit., p. 12.

O que acontece nessa viagem na “montanha russa” da biografia, que passa pelas etapas mencionadas, é a desintegração desse universo de sentido que antes sustentava o indivíduo inserido em seu contexto social. Ele é arrancado de seu arraigamento sustentado por uma *Lebenswelt* estável, normativa, subentendida e que se auto-explica, e é jogado num universo aberto, onde há uma pluralidade de opções. Como consequência, a pessoa é assaltada por um quadro de insegurança quanto aos valores, de incertezas em relação ao futuro, de desilusão em relação aos projetos de vida, de desconfiança em relação às utopias. Mais ainda, a pessoa é confrontada com a percepção de que sua biografia na verdade é uma coletânea de fragmentos de possibilidades de vir a ser que foram atrofiadas pelo imperativo da busca por oportunidades de vida.

A linha da biografia da pessoa é entrecortada por **seqüelas vivenciais** sulcadas na psique, que não raramente deságuam num quadro de depressões. A biografia é retalhada por vazios vivenciais que buscam por preenchimento. Para preencher esses buracos na história de vida, muitos artifícios são oferecidos e buscados, porém poucos conseguem corresponder a essa expectativa de atribuir sentido. Em suma, a exposição às

mudanças sociais coloca as pessoas numa situação de crise. Ulrich Beck descreve esse quadro de crise com as seguintes palavras:

Chances, perigos, ambivalências da biografia, que anteriormente podiam ser enfrentadas no círculo familiar, no seio da comunidade do interior, através do recurso a regras de pertença social ou de classe, agora precisam ser consideradas, interpretadas e trabalhadas pelo próprio indivíduo. Chances e fardos da definição e do embate com a realidade recaem sobre os indivíduos, sem que estes estejam em condições, dada a complexidade das relações na sociedade, de realizar as decisões irrevogáveis de forma fundamentada, considerando de forma responsável os interesses, a moral e as consequências.⁵

Enunciado II:

A comunidade cristã atua nesse contexto ambivalente: por um lado, ela acolhe essas mudanças como novas possibilidades de atualização da fé cristã no mundo e, por outro lado, acolhe de forma perplexa as sombras deixadas por essas mudanças vultuosas.

⁵ Ulrich BECK, Vom Verschwinden der Solidarität, p. 304. Todas as traduções que aparecem no artigo são próprias e feitas de modo livre.

As comunidades cristãs, especificamente aquelas ligadas à Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), estão inseridas nesse contexto pluralizado de realidades sociais. Sua perspectiva é a de acolhimento das pessoas, independentemente do tipo de realidade que supõem. As estratégias de acolhimento, porém, variam de acordo com o respectivo contexto. Não obstante, o contingente de pessoas que são forçadas a fazer essa “queima de etapas” em sua própria biografia cresce, à medida que as pessoas são confrontadas com a questão da *mobilidade*. Michael Walzer (1993) descreve quatro tipos de *mobilidade* que seriam típicos em sociedades expostas à pós-modernidade: *geográfica, social, relacional e política*⁶.

a) A *mobilidade geográfica* é um fenômeno conhecido por muitos de nós. Quem hoje em dia ainda tem o privilégio e, por outro lado, a carga de nascer, crescer e morrer no mesmo lugar? Somos feitos itinerantes que peregrinam por todos os quadrantes da terra, fixando lugar apenas por alguns períodos de nossas biografias. Já não sabemos mais onde é nossa casa, se é lá onde estamos no momento, se é lá onde nascemos ou se é em todos os lugares onde já estivemos em casa, ou ainda, se é para onde iremos em seguida.

b) Já a *mobilidade social* aponta para a insegurança social à qual todos nós estamos expostos. São poucos aqueles que têm um lugar seguro no contexto social. Poucas pessoas conseguem dar continuidade à profissão que seus pais tinham (algumas profissões aprendidas inclusive simplesmente desaparecem durante a biografia). Menos pessoas ainda têm o privilégio – e o peso – de ocupar na comunidade o mesmo espaço que era destinado à sua família em gerações anteriores. Há uma quebra no processo de transmissão de usos, costumes, de valores e de qualificações para o exercício do ofício que caracterizou a família no passado. Também as experiências e a cultura acumuladas pelas famílias não são mais automaticamente repassadas às novas gerações.

c) Sob *mobilidade relacional* o autor entende um outro marco típico desta fase, que é a instabilidade das relações sociais, especialmente constatável nas situações onde ocorrem separações, divórcios e novos casamentos. Sendo a família o lugar privilegiado para a socialização das novas gerações, onde a identidade e as atitudes éticas e religiosas são constituídas, a constante troca de pessoas de referência pode representar uma ruptura na formação social da pessoa.

⁶ Cf. Heiner KEUPP, *Zerstört Individualisierung die Solidarität?*, p. 336s.

d) O autor também constata uma mobilidade *política*, que estaria representada na falta de apego a figuras de liderança e na parca lealdade em relação a organizações sociais, como igrejas, partidos, sindicatos. Essa situação geraria um quadro de *instabilidade institucional*.

As conseqüências psicossociais seriam, segundo o referido autor, um quadro marcado pela seguinte ambivalência: por um lado estaria a constante busca pela felicidade privada, e, ao seu revés, estaria a frustração e preocupação causadas pela sensação de ter perdido as raízes⁷.

Acometidas e acuadas por esse processo ambivalente, as pessoas buscam na religião, em geral, e na comunidade cristã, em particular, preencher os vãos existenciais experimentados e sofridos. Sendo assim, a comunidade pode tornar-se o microcosmo onde esses conflitos decorrentes do que vem sendo caracterizado genericamente como a *erosão do social* podem encontrar uma “caixa de ressonância”⁸.

É uma atitude poimênica da comunidade cristã acolher esses conflitos fundamentalmente ambivalentes e trabalhá-los com a sabedoria que lhe foi dada durante sua história no âmbito teológico, social, psicológico, humanitário. Essa sabedoria

atentará para as possibilidades inerentes a este momento de crise, mas também cuidará das “sombras” que envolvem as pessoas cunhadas por esses processos. Como propriamente coloca Lothar C. Hoch:

O Aconselhamento Pastoral quer contribuir para que a utopia da libertação estrutural possa ir sendo mediada e experimentada em pequenas doses por pessoas e grupos no convívio fraterno da comunidade peregrina.⁹

Enunciado III:

A poimênica é o ato de acolhimento por parte da comunidade cristã das pessoas expostas a essas mudanças.

Esse acolhimento significa, entre outras coisas, ajudar as pessoas que, no empuxo desta sociedade, são levadas a queimar etapas na sua biografia a se ressituaem psiquicamente, em seu sentido cognitivo, emocional e comportamental diante dos desafios que lhes são impostos.

Essa ajuda atenta para a ambivalência: tanto as possibilidades quanto as sombras precisam ser contempladas.

⁷ Id., *ibid.*, p. 337.

⁸ Lothar C. HOCH emprega essa metáfora ao referir-se à função dos seminários em relação às pastorais. Cf. *id.*, O lugar da Teologia Prática como disciplina teológica, p. 22.

⁹ Cf. *id.*, Aconselhamento pastoral e libertação, p. 18.

As seqüelas deixadas por essa viagem biográfica manifestam-se de maneira sintomática em forma de lacunas de vivência e, em última análise, culminam na formação fragmentada da identidade. Por um lado, há uma busca frenética pelo preenchimento dessas lacunas com todos os tipos de vivências que prometem algum tipo de satisfação individual. E, por outro lado, há uma sede grande de costurar esses fragmentos de identidade a partir de algo que possa reconstituir o sentido da existência de forma mais ampla. Neste contexto ocorre a busca pela vivência religiosa.

Aqui se insere a compreensão de poimênica cristã como ato de acolhimento das pessoas expostas a esse processo e que buscam no simbolismo religioso a reconstituição de sua vida estilhaçada em fragmentos de formas de vir a ser deixadas no caminho. As biografias quebradas tornam-se o alvo desse acolhimento poimênico por parte da comunidade de Cristo. Como formula Henning Luther:

Situações relevantes para a poimênica são por definição justamente aquelas nas quais o desenrolar da vida de forma indiscutível e sem atritos precisamente

não é mais assegurado nem ocorre de forma natural.¹⁰

A poimênica “como ministério de ajuda da comunidade cristã (...) para as pessoas que a procuram na área da saúde”¹¹ acolherá essas pessoas no seu convívio comunitário e buscará auxiliá-las na sua busca por se ressitua-rem psicologicamente, em seu sentido cognitivo, emocional e comportamental. Essa ajuda precisa atentar para a ambivalência desse processo: tanto as possibilidades quanto as sombras necessitam ser contempladas.

Também existem possibilidades nesse processo! Ele não é de todo desprezível e sem saídas. Tomo um aspecto que pode ilustrar essas possibilidades. Nas formas de organização tradicionais, p. ex., os papéis sociais atribuídos às pessoas eram predeterminados pela respectiva cultura e havia poucos espaços para transcendê-los. Muitas biografias são mutiladas porque as pessoas têm poucas chances de realizar os seus sonhos, mas precisam cumprir o papel a elas reservado pela família, pela comunidade, pela sociedade. Klaus Winkler fala neste tocante da formação de uma “consciência heteronômica”¹², a qual é constituída pela adequação da pessoa aos padrões prefixados fora dela.

¹⁰ Henning LUTHER, *Religion und Alltag*, p. 231.

¹¹ Cf. Christoph SCHNEIDER-HARPPRECHT, *Aconselhamento Pastoral*, p. 291.

¹² Cf. Klaus WINKLER, *Seelsorge*, 1997, p. 279.

Ao deixar para trás essa inserção relativamente rígida, a pessoa é confrontada com uma certa ambigüidade: por um lado, nutre uma espécie de saudade daqueles tempos, quando ainda possuía um lugar fixo na sociedade que lhe garantia estabilidade e segurança e que lhe apontava indubitavelmente o caminho a seguir. E, por outro lado, ela se sente libertada dos padrões rígidos de outrora e é jogada num mundo de opções, diante das quais muitas vezes fica instável e insegura:

O rompimento das estruturas rígidas é uma libertação, porém proporciona uma liberdade ambivalente. Uns se atiram vorazmente sobre a multiplicidade de alternativas possíveis, outros buscam desesperadamente o caminho que poderia ser seu próprio, e outros, finalmente, são acometidos por uma paralisia: diante da urgente necessidade de optar, assumem uma atitude de recusa.¹³

Precisamente aí nós entramos no terreno das “sombras” que acompanham esse processo. Ao mesmo tempo em que se abrem novas possibilidades, outras são fechadas, às vezes de forma irrevogável. Olhar para trás na direção de tudo aquilo que foi deixado no caminho, bem como bus-

car restabelecer ou recompor o universo estável que se fragmentou, é uma opção de estratégia poimênica. E certamente é uma opção que fascina, tendo em vista o fascínio com o qual pessoas são atraídas por organizações religiosas que não permitem a ambigüidade, mas definem precisamente os padrões de racionalidade, de emocionalidade e de comportamento que as pessoas devem seguir. Em meio a um mundo acometido pela insegurança e pela incerteza são artificialmente geradas “ilhas” de seguranças e certezas que procuram resgatar almas individuais. Um dos perigos, além da ilusão de que isto seja de fato possível, é transformar pessoas em *estátuas de sal*, para usar uma metáfora bíblica (cf. Gn 19. 26).

Uma outra opção é admitir essa ambigüidade. Ao invés de procurar restabelecer ou recompor modelos tradicionais ou modernos nas circunstâncias atuais, uma outra estratégia poimênica de acolhimento das pessoas arrastadas pelo processo de *individualização* é buscar **criar um novo espaço vivencial – uma nova *Lebenswelt***, dentro da nova realidade. Se o referencial das atitudes, no seu aspecto cognitivo, emocional e comportamental, foi perdido ou se desintegrou, cabe, pois, criar um novo referencial simbólico. É o mo-

¹³ Rainer ZOLL, *Alltagssolidarität und Individualismus*, p. 327. Cf. também Sidnei V. NOÉ, *Einstellungs- und Verhaltensänderung in und durch Kleingruppen*, p. 86ss.

mento de costurar ou tecer um novo sentido, através do *consolo mútuo e no diálogo das irmãs e irmãos* (Lutero), o que também implica resgatar na história de vida passada experiências significativas para um novo começo.

A comunidade cristã é um lugar privilegiado para oferecer esse espaço à criação e constituição dessa nova *Lebenswelt*. E é especialmente através dos grupos que já a compõem e outros que precisam ser constituídos que se torna possível dar oportunidade para que as pessoas construam em conjunto um novo referencial. O aspecto libertador desse processo de busca por um consenso em torno de novos referenciais é que agora o sujeito tem a oportunidade de participar. Enquanto em outros modelos sua participação se restringe à opção entre sujeitar-se ou rebelar-se, neste modelo compartilhado ele participa da constituição do sentido e pode reencontrar-se com sua subjetividade transpassada por seqüelas e fragmentos.

Ao invés de deixar as pessoas sozinhas nesse processo e, com isso,

incentivar a formação de uma “consciência autônoma” (Klaus Winkler) de caráter moderno, isolado e individual, a poimênica, assim entendida, visará à constituição de uma “consciência relacional”. A partir do convívio entre os irmãos e irmãs peregrinas e a partir da sua troca de vivências, sonhos e derrotas será possível criar um novo universo referencial, que não é apenas re-criação daquele perdido no caminho, mas sim adequado à nova situação:

Como uma posição sustentável teologicamente hoje, sugere-se, pois, aquela denominada de formação *relacional* da consciência. Assim será possível contrapor algo à pura “condução exterior”, característica da “consciência heteronômica”, e à excessiva “centralização no eu”, típica da “consciência autônoma”.¹⁴

(Este possivelmente é um dos grandes desafios pastorais também para a EST. Criar esses espaços para que a formação de uma consciência relacional seja fomentada. Obrigada!)

Referências bibliográficas

BECK, Ulrich. Vom Verschwinden der Solidarität. In: KEUPP, Heiner (Org.). *Lust an der Erkenntnis : Der Mensch als soziales Wesen*. München/Zürich : Piper, 1995. p. 303-319.

¹⁴ Klaus WINKLER, op. cit., p. 279.

- DAIBER, Karl-Fritz. *Religion unter den Bedingungen der Moderne* : Die Situation in der Bundesrepublik Deutschland. Marburg : Diagonal, 1995.
- HABERMAS, Jürgen. *Theorie des kommunikativen Handelns*. [Taschenbuchausgabe]. Frankfurt a/M. : Suhrkamp, 1995. t. 1.
- HOCH , Lothar C. O lugar da Teologia Prática como disciplina teológica. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (Org.). *Teologia Prática no contexto da América Latina*. São Leopoldo/São Paulo : Sinodal/ASTE, 1998. p. 21-35.
- _. Aconselhamento pastoral e libertação. *Estudos Teológicos*, v. 29, n. 1, p. 17-40, 1989.
- KEUPP, Heiner. Zerstört Individualisierung die Solidarität? : Für eine kommunäre Individualität. In: KEUPP, Heiner (Org.). op. cit. p. 331-367.
- LUTHER, Henning. *Religion und Alltag* : Bausteine zu einer Praktischen Theologie des Subjekts. Stuttgart : Radius, 1992.
- NOÉ, Sidnei Vilmar. *Einstellungs-und Verhaltensänderung in und durch Kleingruppen* : Rezeption eines sozialpsychologischen Komplexes für den kirchlichen Kontext. Tese de Doutorado. Bielefeld, 1997.
- SCHNEIDER-HARPPRECHT, Cristoph. Aconselhamento Pastoral. In: ID. (Org.). op. cit. p. 291-319.
- _. Perspectivas da Teologia Prática no Brasil e na América Latina. In: ID. (Org.). op. cit. p. 321-341.
- WINKLER, Klaus. *Seelsorge*. Berlin/New York : Walter de Gruyter, 1997.
- ZOLL, Rainer. Alltagssolidarität und Individualismus. In: KEUPP, H. (Org.). op. cit. p. 320-329.

Sidnei Vilmar Noé
Escola Superior de Teologia
Caixa Postal 14
93001-970 São Leopoldo – RS